

A Revista HISTEDBR On-line publica artigos resultantes de estudos e pesquisas científicas que abordam a educação como fenômeno social em sua vinculação com a reflexão histórica

Correspondência ao Autor

Nome: Adilson Cristiano Habowski

E-mail: adilsonhabowski@hotmail.com

Instituição: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Brasil

Submetido: 12/02/2020

Aprovado: 19/04/2020

Publicado: 01/06/2021

 10.20396/rho.v21i00.8658390

e-Location: e021016

ISSN: 1676-2584

Como citar ABNT (NBR 6023): HABOWSKI, A. C.; CONTE, E.; MILBRADT, C. Sociedade da transparência: os processos de desenvolvimento humano em questão. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 21, p. 1-6, 2021. DOI:

10.20396/rho.v21i00.8658390.

Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8658390>. Acesso em: 01 jun. 2021.

Distribuído Sobre



Checagem Antiplágio



HAN, B. **Sociedade da transparência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. 120 p.

SOCIEDADE DA TRANSPARÊNCIA: OS PROCESSOS DE DESENVOLVIMENTO HUMANO EM QUESTÃO



Adilson Cristiano Habowski*

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico



Elaine Conte**

Universidade La Salle



Carla Milbradt***

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

A obra é apresentada ao leitor em nove capítulos que vão da *sociedade positiva* (capítulo 1), passando pelo emaranhado da produção cultural da *sociedade da exposição* (capítulo 2), seguindo para a *sociedade da evidência*, *sociedade pornográfica*, *sociedade da aceleração*, *sociedade da intimidade*, *sociedade da informação*, *sociedade do desencobrimento* até culminar no capítulo final, *sociedade do controle*. Trata-se de um livro de bolso com 120 páginas, de linguagem acessível e didática, que retrata os saberes alicerçados na própria natureza política da vida em sociedade. O excesso de positividade da vida reflete um sistema fechado em si mesmo, que impõe o igual e anula o diferente e as contradições nas quais nós vivemos, excluindo a dimensão relacional, contextualizada e crítica dos processos de (re)conhecimento humano.

No primeiro capítulo evidencia como a *sociedade positiva* domina o discurso público com o tema da transparência, enquanto liberdade de informação totalizante, subordinada aos regimes operacionais de coação sistêmica, que limita e elimina os processos sociais próprios ao desenvolvimento humano em sociedade. O autor defende que hoje a sociedade vive uma *reação em cadeia multiplicando o igual*, num constante movimento de aceleração e circularidade de informações, que submete todos a uma coação por transparência e uniformidade, para operacionalizar e desconstruir a negatividade da *alteridade* e do que é estranho da cultura humana. O olhar insensível ao outro provoca uma espécie de *burnout psíquico*, ou seja, a incompreensão de expressões e o desrespeito à *alteridade*, a ponto de impossibilitar o distanciamento temporal e o exercício de pensar inspirado por relações interpessoais. No curso da sociedade positiva também o amor é domesticado sem uma consciência de dominação, ou seja, o sistema só permite diferenças comercializáveis, sendo o amor “[...] nivelado em um arranjo de sentimentos agradáveis e de excitações complexas e sem consequências.” (HAN, 2017, p. 19).

Nesse sentido, “[...] a política é um agir estratégico. Já por causa disso lhe é própria uma esfera oculta. Uma total transparência iria paralisá-la. [...] Somente na teatrocrazia é que a política aparece sem mistérios. Aqui a ação política dá espaço à mera encenação.” (HAN, 2017, p. 21). O antipartido ou o partido dos piratas, segundo o autor, se equipara à despolitização cega da pós-política (incapacidade de articular a vontade política a mudanças sociais) enquanto estabilização de *opiniões* sistêmicas da transparência político-econômica vigente. “A política dá lugar à violência das necessidades sociais, que deixa intocados os quadros das relações socioeconômicas já existentes.” (HAN, 2017, p. 23).

No segundo capítulo, *sociedade da exposição*, Han desvela que a reclusão constitutiva do valor cultural também “[...] desaparece em favor de seu valor expositivo. [...] Pois, tudo o que repousa em si mesmo, que se demora em si mesmo passou a não ter mais valor, só adquirindo algum valor se for visto.” (HAN, 2017, p. 27-28). A coação por exposição tomou de assalto o valor cultural *da aura enquanto manifestação de uma distância* para produzir visibilidade a qualquer custo, seja compartilhando falsas notícias pelo *facebook* ou transformando a própria face de objeto-propaganda pelo *fotoshop*. O valor *superficial* do outro na sociedade transparente não produz o sentimento de autoestima e do

viver com o outro, mas provoca a alienação de si mesmo por não conversar com o alheio ao sistema, apenas informa a produção do igual por uma visão de desempenho. O autor reafirma que a hipervisibilidade, os canais rasos da hipercomunicação e a coação que explora o visível da bela aparência (*fitness*) são obscenos porque aniquilam o questionamento, os traços de negatividade da *alteridade* e a reflexão estética, para maximizar a exposição otimizada. Daí que o conformismo radical com “[...] a absolutização do valor expositivo se expressa como tirania da visibilidade. O problemático não é o aumento das imagens em si, mas a *coação icônica* para tornar-se *imagem*. [...] E é nisso que está seu poder e violência.” (HAN, 2017, p. 35).

Na sociedade da transparência, a falta de distância torna a percepção ou a contemplação estética aniquilada de sentido, dada a uniformidade da comunicação narcisista. A noção de transparência é deslocada no capítulo 3 para as máscaras, procedimentos e formas de aparência da *sociedade da evidência*, que é inimiga dos espaços de jogo do prazer humano. A iniciação estética da fantasia em contornos imaginativos ou narrativos, sem a presença do outro, dá lugar para a economia do prazer em objetos desvelados previamente em um intercâmbio de informação.

No capítulo 4 traz as discussões da *sociedade pornográfica* como exposição esvaziada de sentido humano, que impinge violência e poder em uma espécie de máscara social (lugar pré-expressivo da nudez sem forma), que é produto do *mero valor expositivo* da mercadoria. Em contraposição, observa nas reconfigurações da beleza, do mistério e do sublime as dimensões constitutivas da imaginação criadora e da capacidade de permanecer. “Certamente, o corpo nu exposto à visão pornográfica [de valor expositivo] é *miserável*, mas não *sublime*. [...] O sublime gera um valor cultural; já o rosto exposto pornograficamente, que *flerta* com o contraposto, pode ser qualquer outra coisa, menos sublime [...]” porque já não possui o mistério e a sedução do que escapa a compreensão, do que pode ser encenado, descoberto, imaginado do ocultamento erótico. (HAN, 2017, p. 54, grifo do autor).

A questão das imagens em nossa cultura relacionada à educação pode ser verificada nas fronteiras da cena social exposta no capítulo 5 - *sociedade da aceleração*. Nesse ponto, o autor acrescenta que as relações são substituídas pelas conexões digitais em forma de consumo exagerado de produtos ou entretenimento da mera captura do real. A interface da educação com as questões das imagens culturais da sociedade da transparência, da superficialidade da vida, da adição do sempre igual acaba autoexplorando os processos narrativos próprios do desenvolvimento humano, em nome da extinção da palavra provisória e da tensão provocativa dos encontros. Em suas análises, Han retoma a importância da peregrinação de eventos semânticos da memória, da história e da narratividade, cuja busca de sentido está a caminho da própria significação que se mantém estranha, transformando-se em potencial educativo para resistir a aceleração da transparência. Do ponto de vista cultural, “[...] esse empobrecimento semântico e essa falta de narratividade de espaço e tempo se tornam obscenos. [...] O espaço transparente é pobre em semântica, já os significados surgem apenas por meio de umbrais e passagens, de resistências [...]”, tais como

as primeiras experiências, inseguranças e expectativas da infância. (HAN, 2017, p. 75).

Han discute ainda, no sexto capítulo, a *sociedade da intimidade* enquanto inviabilizadora da *distância cênica* necessária à identificação dos diferentes sinais, expressões culturais, formas e rituais do comunicar-se humano. A decadência da cultura é revelada na intimidade do mundo “[...] objetivo-público, que não é objeto de sensações e vivências íntimas [...]”, mas torna-se a fórmula psicológica da transparência íntima onde se elimina a distância e a expressão *crítica do mundo*, por meio de uma *proximidade digital* absoluta. (HAN, 2017, p. 80). A intimidade psicologizada interfere nos processos de regulamentações subjetivo-afetivas e de socialização, inclusive da esfera política, “[...] assim, políticos não são avaliados por suas ações. Seu interesse está voltado para a pessoa, o que provoca neles coerção por encenação. A perda do caráter público deixa atrás de si um vazio onde se derramam a intimidade e as estâncias privadas [...]” de exposição aparente/ausente. (HAN, 2017, p. 81-82). Soma-se a isso, o fato de que “[...] a sociedade da intimidade desconfia dos gestos ritualísticos e dos comportamentos cerimoniais e formais; [é] desritualizada; uma sociedade da confissão, do desnudamento e da falta pornográfica de distância.” (HAN, 2017, p. 83).

O capítulo 7 retrata a *sociedade da informação* fazendo analogias com a alegoria da caverna de Platão, momento em que todos estamos presos como espectadores do próprio espelhamento da realidade diante do computador, seduzidos pelas imagens que tornam supérfluo o pensamento acerca dos instrumentos culturais. As redes, assim como as projeções e figuras teatrais da caverna, não apresentam, no entendimento de Han (2017, p. 88-89), “[...] diversas formas de conhecimento, mas diversas formas de vida [hierarquizadas e percebidas em cópias/aparências das coisas pelos sentidos até o mundo inteligível]; a saber, a forma de vida narrativa e a forma de vida cognitiva. [...] O teatro como *mundo da narrativa* se contrapõe à alegoria da caverna do *mundo do conhecimento*.” No entanto, buscar enfrentar a sociedade da transparência *sem poetas*, sem sedução e sem metamorfose é buscar respostas para a cultura entre o saber e o não saber. Simultaneamente, o autor deixa transparecer o desafio educativo à crítica cultural e imagética para enfrentar a sociedade opacificada pela transparência da informação (positivada, operacionalizada pela homogeneização compulsiva) e do nivelamento de orientações que vem causando o vazio existencial e a intransparência do mundo da vida pelo domínio das (auto)imagens midiáticas.

O capítulo 8 trata a perspectiva da *sociedade do desencobrimento* que resulta de acontecimentos já no século XVIII conhecidos como o “[...] *pathos* da desocultação e transparência [...]”, entrando no jogo cênico o brincar com a aparência. (HAN, 2017, p. 97). Nesse caso, “[...] a exigência de Rousseau por transparência anuncia uma mudança de paradigma. O universo do século XVIII ainda era um teatro; estava repleto de cenas, máscaras e figuras. A própria moda era teatral.” (HAN, 2017, p. 99). Assim, Rousseau se contrapõe àquele jogo de máscaras e papéis teatrais que dissimulam o que se pensa naturalmente, gerando o esquecimento da própria situação e expressão, que é transferida para o espetáculo (da aparência e da sedução) de ser um outro (um espelhamento heroico da

transparência). O projeto de transparência do coração e do uso das imagens de Rousseau expulsa tudo o que é obscuro, mas também mostra ser uma sociedade de controle e vigilância total, que leva à violência e à tirania moral ou biopolítica. (HAN, 2017, p. 102).

No último capítulo intitulado *sociedade do controle*, Han (2017, p. 105) mostra que já na obra *Agonia do real* (1978), escrita por Baudrillard surge a afirmação de que “[...] estamos vivenciando o fim do espaço perspectivístico e do panóptico [...]”, na época, pelo *medium* da televisão. Com a cultura digital, cria-se uma vigilância permanente na *aperspectividade* de uma rede de (hiper)comunicação que assegura a transparência recíproca, pois, “[...] ilusoriamente os habitantes do panóptico digital imaginam estar em total liberdade.” (HAN, 2017, p. 108). A sociedade da transparência converge para a lógica do desempenho, uma instância que dá liberdade externa ao sujeito desde que ele esteja submetido ao sistema de exploração econômica pelo trabalho que o obriga a trabalhar, em meio a autoexploração até a morte. Cumpre ressaltar ainda que na sociedade da transparência não se forma *comunidade* (um nós político), mas agrupamentos de diversos *egos* isolados em ilhas, perseguindo um interesse comum, uma marca de composição aditiva, uma ideologia partidária. A exploração do social sistematizada em redes sociais e *Google* se apresenta como espaço de liberdade em formas panópticas, que satisfazem as necessidades momentâneas de comunicação e comércio.

A leitura da obra é imprescindível para compreender os fenômenos sociais, políticos e educacionais da sociedade transparente e da cultura digital contemporânea, trazendo reflexões para pensar a universalização radical do mercado que espetaculariza o ser humano em um regime de controle. As relações humanas tornam-se problemáticas na sociedade, seja por um horizonte positivo da transparência cultural de exposição do mesmo, do habitual e das polarizações (dando visibilidade em termos de uniformidade ao mundo), seja pelo deslocamento dos debates públicos de suas condições de inteligibilidade, no sentido de ofuscar os processos contraditórios e recriadores das diferenças culturais. É necessário compreender as dinâmicas da sociedade da transparência que vem nutrindo pseudonecessidades econômicas, culturais, sociais e simbólicas, por meio das imagens e mensagens consumidas na relação espetacular das representações humanas, como forma de restabelecer os elos expressivos vitais e os sentidos culturais da comunicação como fenômeno global de reconhecimento das diferenças de mundos.

AUTORIA:

* Mestrado em Educação pela Universidade La Salle (UNILASALLE). Membro do Núcleo de Estudos sobre Tecnologias na Educação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. (NETE/CNPq). Contato: adilsonhabowski@hotmail.com

** Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora da Universidade La Salle (UNILASALLE). Contato: elaineconte@yahoo.com

*** Mestrado em Educação pela Universidade La Salle (UNILASALLE). Membro do Núcleo de Estudos sobre Tecnologias na Educação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. (NETE/CNPq). Contato: cal_milbradt@hotmail.com

COMO CITAR ABNT:

HABOWSKI, A. C.; CONTE, E.; MILBRADT, C. Sociedade da transparência: os processos de desenvolvimento humano em questão. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 21, p. 1-6, 2021. DOI: 10.20396/rho.v21i00.8658390. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8658390>. Acesso em: 01 jun. 2021.